

Revisão realista: uma abordagem de síntese de pesquisas para fundamentar a teorização e a prática baseada em evidências

Leonel Tractenberg

Doutor em educação pela UFRJ, MSc em design de sistemas educacionais e de treinamento pela Universiteit Twente, Holanda. Professor adjunto da Faculdade de Administração e Finanças da UERJ e colaborador da Livre Docência Tecnologia Educacional. E-mail: leoneltractenberg@gmail.com

Miriam Struchiner

Doutora em educação - Boston University. Professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: miriamstru@yahoo.com.br

Resumo

A revisão (ou síntese) realista é uma abordagem de síntese de pesquisas de natureza qualitativa que visa o desenvolvimento de modelos e teorias, bem como a prática baseada em evidências, em intervenções sociais complexas. Apesar da crescente importância das práticas e políticas baseadas em evidências e das potenciais contribuições dessa abordagem diante das limitações de outros métodos de síntese de pesquisas, a revisão realista é uma abordagem pouco difundida no Brasil, especialmente no âmbito da pesquisa social. A partir da revisão das principais publicações sobre o tema, este trabalho apresenta uma descrição teórico-metodológica da abordagem de revisão realista, seus fundamentos, procedimentos, potenciais contribuições, e conclui discutindo alguns desafios relativos à sua implementação. Pretende, assim, contribuir para a disseminação desse novo método de síntese de pesquisas, aplicável a variadas áreas de conhecimento.

Palavras-chave

Síntese de pesquisas. Revisão de literatura. Prática baseada em evidências. Síntese realista. Revisão realista. Teorização.

Realist review: an approach of synthesis of research to back the theorization and practice based on evidence

Abstract

Realist synthesis (or realist review) is a method of qualitative research synthesis to support theory building and evidence-based practices in complex social interventions. Despite the growing importance of evidence-based practices and policies, and of the contributions of this method when confronted with the limitations of other methods of research synthesis, the realist review approach is little known in Brazil, especially among social researchers. This article presents a theoretical and methodological description of the realist synthesis method, its rationale, procedures and potential contributions, and discusses some issues relevant to its implementation. Therefore, it aims to contribute to the dissemination of this new method of research synthesis, applicable to different knowledge domains.

Keywords

Research synthesis. Literature reviews. Evidence-based practice. Realist synthesis. Realist review. Theory building.

INTRODUÇÃO

Na última década, vem crescendo o interesse, principalmente no Reino Unido e em países da União Europeia, pelas práticas e políticas baseadas em evidências (YOUNG et al., 2002). Tendo surgido na área da saúde, esse movimento vem se difundindo em outras áreas, tais como a educação, o serviço

social e a administração. A expansão da circulação e acesso às informações, principalmente através da Internet, somada a clientes, consumidores, comunidade, mídia e opinião pública cada vez mais críticos e exigentes são alguns dos fatores que têm contribuído para fortalecer esse movimento em diversas áreas (PAWSON, 2006).

Essencialmente, os defensores desse movimento advogam que as práticas profissionais e as políticas sociais devem ser baseadas em evidências provenientes de revisões sistemáticas e sínteses de pesquisa, capazes de sintetizar, com alto nível de rigor metodológico, os resultados dos estudos relevantes sobre o assunto em questão (HAMMERSLEY, 2005). Além disso, os agentes envolvidos (consumidores, clientes, usuários, público etc.) devem ser informados sobre as bases das decisões implementadas. Um dos principais idealizadores da prática baseada em evidências é Chalmers, ex-diretor do Cochrane Centre (UK), centro especializado em revisões sistemáticas, sobretudo na área da saúde. Segundo esse autor,

Porque os profissionais, por vezes, fazem mais mal do que bem quando intervêm na vida de outras pessoas, suas políticas e práticas devem ser informadas por avaliações rigorosas, transparentes e atualizadas (2003, p.22 citado por Hammersley, 2005).

A preocupação de Chalmers, que toma a área médica como modelo, é com os vieses nas decisões da prática profissional, que frequentemente se apoiam em conhecimentos desatualizados, experiências pessoais não representativas e falta de questionamento em relação às práticas atuais. Apesar de concordar com o “diagnóstico” desse autor, Hammersley (obra citada) faz uma crítica contundente ao seu “prognóstico”, apontando a falibilidade da evidência científica. O centro da questão está naquilo que se considera como evidência de pesquisa válida e a forma de sintetizar essas evidências. Para Chalmers e outros defensores das práticas baseadas em evidências, a informação científica considerada válida é, essencialmente, aquela derivada de

pesquisas experimentais baseadas em tratamentos randomicamente controlados (TRCs), sintetizadas por meio de revisões sistemáticas de literatura e de procedimento meta-analíticos.

Apesar de contribuírem com informações importantes, nem sempre as sínteses de pesquisas constituídas dessa forma são capazes de fornecer informações suficientes para intervir em realidades complexas. Em parte, porque a lógica das revisões sistemáticas e meta-análises têm privilegiado a integração de estudos quantitativos com grande poder de generalização (validade externa), dando pouca atenção à síntese de pesquisas qualitativas. Segundo Sandelowski et al. (1997),

a relativa falta de atenção para com a integração de resultados qualitativos contrasta claramente com a considerável atenção dada ao desenvolvimento de técnicas para a realização de sínteses de pesquisa quantitativa, e a proliferação de revisões integrativas e sínteses quantitativas pesquisa em uma variedade de campos. (p.365)

Como consequência, os achados dos estudos qualitativos, produzidos em grande número, povoam periódicos e bases de dados científicas, mas acabam ficando dispersos e, conseqüentemente, tendo pouco impacto sobre as práticas profissionais e tomada de decisão (MATHEUS, 2009).

Visando enfrentar esse problema e aprimorar as formas de integrar os achados de pesquisas, na última década novos métodos de síntese qualitativa têm sido desenvolvidos, dentre os quais, a *metassíntese qualitativa* (meta-análise qualitativa ou meta-etnografia) (SANDELOWSKI et al., 1997; LOPES e FRACOLLI, 2008) e a *revisão (ou síntese) realista* (PAWSON et al., 2004; PAWSON et al., 2005).

Apesar da crescente importância da prática baseada em evidências, do conseqüente incremento na necessidade de produção de todos os tipos de síntese de literatura (SOUZA et al., 2010), no Brasil, os novos métodos de síntese qualitativa de pesquisas ainda são pouco utilizados pelos

pesquisadores e permanecem restritos a poucas áreas de conhecimento, como a área da saúde¹.

No Brasil, os artigos de Lopes e Fracoli (2008) e Matheus (2009) descrevem as ideias fundamentadoras e etapas da metassíntese qualitativa. Contudo, não identificamos, até o momento, nenhuma publicação brasileira descrevendo a metodologia da síntese realista. Assim, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma descrição teórico-metodológica dessa abordagem, descrevendo seus fundamentos, procedimentos potenciais contribuições, e conclui discutindo alguns desafios relativos à sua implementação. Esperamos, portanto, contribuir para a disseminação desse novo método de síntese de pesquisas, aplicável a diversas áreas de conhecimento, tais como a psicologia, a educação, o direito, o serviço social, a saúde e a administração.

METODOLOGIA

O método da síntese realista vem sendo desenvolvido por Ray Pawson, professor da Escola de Sociologia e Políticas Sociais da Universidade de Leeds no Reino Unido, e colaboradores, ao longo da última década. A partir das principais publicações que descrevem esse método, bem como de outras publicações que abordam a temática da síntese de pesquisas, buscamos resumir os principais fundamentos e procedimentos dessa abordagem e, por fim, discutir questões relativas à implementação.

SÍNTESE DE PESQUISAS

Síntese (ou revisão) de pesquisas é um tipo de revisão de literatura focalizada em identificar, classificar, avaliar e resumir os resultados de estudos

empíricos que abordam questões, problemas ou hipóteses de pesquisa semelhantes ou relacionadas (COOPER, 1998). Podemos classificar os principais tipos síntese de pesquisas em seis categorias: 1) as revisões panorâmicas (levantamentos ou análises bibliométricas); 2) as revisões narrativas; 3) as revisões sistemáticas; 4) as meta-análises (ou metanálises); 5) as metassínteses qualitativas; e 6) as sínteses realistas.

Conforme o *Handbook of research synthesis* (COOPER et al., 2009), até os anos 60, grande parte das sínteses de pesquisa era feita de forma narrativa ou jornalística. A partir do final dos anos 70 e início dos anos 80, começam a ser difundidos protocolos de revisão padronizados agregados a tratamentos estatísticos dos estudos, de modo a propiciar maior rigor, transparência, confiabilidade e precisão nas conclusões. Nessa época, foram desenvolvidas as primeiras revisões bibliográficas sistemáticas e meta-análises² da literatura. A década de 90 é marcada pela rápida proliferação do número de sínteses de pesquisa, principalmente de revisões sistemáticas e de meta-análises tanto na área médica (CRAG, 1996), quanto nas ciências humanas e sociais (LITTEL et al., 2008), impulsionadas pela constituição de centros e redes especializados na geração e difusão de sínteses de pesquisa, a fim de embasar práticas e políticas naquelas áreas³.

¹ Em um levantamento realizado em julho de 2011 na base Scielo (www.scielo.br), utilizando os termos “metassíntese”, “meta-etnografia” e “meta-análise qualitativa” nos campos de título e de assunto, identificamos apenas quatro artigos, todos eles publicados em periódicos das áreas de enfermagem, psiquiatria e saúde pública, a partir de 2006. Uma outra pesquisa utilizando as expressões “revisão realista” e “síntese realista” revelou apenas um artigo, publicado em 2004, também na área da saúde.

² Cooper (1998) define a meta-análise como um conjunto de “procedimentos quantitativos utilizados em uma síntese de pesquisa para combinar estatisticamente os resultados dos estudos” (p.4). A meta-análise, também conhecida por síntese quantitativa, permite comparar, combinar ou integrar estatisticamente os resultados de vários estudos a fim de determinar a magnitude do efeito (*effect size*) de uma intervenção específica e o respectivo intervalo de confiança desse efeito.

³ Dentre essas iniciativas, podemos citar a criação em 1993 do EPPI-Centre, do Instituto de Educação da Universidade de Londres (<http://eppi.ioe.ac.uk/>), que se destaca na produção de sínteses, sobretudo no âmbito da educação, ciências sociais e políticas públicas; a criação também em 1993 da Cochrane Collaboration (www.cochrane.org), uma rede de metodólogos e especialistas, que se destaca na produção de sínteses na área da saúde; e a criação, em 2000, de outra rede, a Campbell Collaboration (www.campbellcollaboration.org), com sede na Noruega.

Com o fortalecimento do movimento das práticas baseadas em evidências, as sínteses de pesquisa vêm ganhando ainda mais importância. Assim, na última década tem se verificado grande proliferação das revisões sistemáticas e meta-análises, nas ciências sociais, em especial na psicologia e na educação (PAWSON, 2003; 2006; LITTEL et al., 2008).

REVISÃO REALISTA

Fundamentos

A perspectiva realista

A revisão (ou síntese) realista é uma abordagem de síntese de pesquisas de natureza qualitativa que visa o desenvolvimento de modelos e teorias, bem como o embasamento de práticas e políticas de intervenção em contextos sociais complexos (PAWSON et al., 2004; PAWSON, 2006).

A abordagem da síntese realista tem como fundamento o *realismo*. Existem diferentes concepções e correntes de pensamento denominadas realismo, tanto nas artes, quanto na filosofia, na política e nas ciências sociais. Aquela que fundamenta o método da síntese realista situa-se no contexto da epistemologia das ciências humanas e sociais.

Gosling e Taylor (2010) identificam três correntes mais influentes no pensamento e na pesquisa sociológica: o interpretativismo, o positivismo e o realismo. Ressaltam que essas perspectivas não são estanques ou totalmente separadas, e que, de fato, muitos estudos em sociologia misturam elementos das três. Além disso, enfatizam que essas correntes são bastante amplas e contemplam abordagens metodológicas diversificadas dentro de cada uma. A caracterização dessas correntes, porém, permanece útil e didática na medida em que cada uma congrega um conjunto de pressupostos ontológicos e epistemológicos diferenciados.

No que se refere aos pressupostos ontológicos, a perspectiva realista considera que a realidade existe

independente de nossos sentidos e percepções, porém só pode ser apreendida por meio deles. Assim, o entendimento dessa realidade e os constructos teóricos que criamos não representam a realidade tal como ela é, mas como ela é percebida e interpretada, sendo essa interpretação impregnada de subjetividade, isto é, sujeita a condicionantes biológicos, psicológicos, históricos, culturais etc.

Desse entendimento, deriva o pressuposto epistemológico de que a observação é inseparável da teoria, ou, em outras palavras, que toda observação da realidade é sempre “carregada” de teoria, de uma visão particular de mundo. Nesse sentido, teorias – explícitas ou não, conscientes ou não –, vêm antes dos dados, os definem e os organizam. Além da não separação entre teoria e observação, a perspectiva realista reconhece que a pesquisa social sempre transforma, ainda que minimamente, a realidade pesquisada.

Para o realismo, o objetivo da pesquisa social é desvelar os mecanismos subjacentes aos fenômenos sociais observados, analisando a forma como interagem em contextos particulares. Esse desvelamento deve ser feito por meio de métodos compatíveis com a natureza do objeto investigado. Segundo a perspectiva realista, o procedimento de isolamento, controle e manipulação experimental de variáveis típico das ciências “duras”, quando aplicado aos fenômenos antropossociais, frequentemente conduz a situações artificiais e modelos teóricos simplificadores, de poder explicativo limitado. Para compreender os fenômenos sociais é preciso reconhecer a natureza complexa, indissociável, multidimensional, interativa e inter-retroativa das variáveis envolvidas, estudando-as de forma não reducionista ou fragmentada.

A noção de intervenção social complexa

O termo *intervenção* é frequentemente utilizado na linguagem médica, psicológica, jurídica e administrativa, e é um termo largamente empregado pela literatura sobre sínteses de pesquisa. Evoca

a ideia de interferência sobre um processo ou fenômeno, visando modificá-lo de alguma forma. Assim, um tratamento medicamentoso *intervém* sobre o rumo de uma doença; uma política de gestão *intervém* sobre os processos de trabalho; etc. Essa noção também pode ser entendida como *intermediação* de um processo. Por exemplo: a interação por meio das TICs *intervém* nos processos de ensino e de aprendizagem na educação a distância.

Uma intervenção social envolve uma série de mecanismos agindo sobre determinado processo, imersos em determinado contexto (ambiental, histórico, político, social, econômico institucional, etc.). Não se trata de “mecanismos” físicos, dos sistemas mecânicos, lineares, fechados, mas dos sistemas abertos, dos processos ou dinâmicas sociais cujos componentes não são objetos passivos, mas sujeitos que detêm grau variável de passividade e de atividade (ou agência) dentro desses sistemas.

Um sistema é dito complexo quando possui propriedades que não podem ser reduzidas aos seus elementos constituintes de modo isolado, uma vez que estas emergem de relações muitas vezes não lineares entre as partes e entre níveis sistêmicos (escalas) diversos.

Segundo Morin (2003),

há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. (p.38)

E conforme USP (2008),

Embora não exista uma definição ampla consensual, sistemas complexos são identificáveis por exibir comportamentos que têm sido sistematicamente enumerados pela literatura nos últimos vinte anos,

detalhados na lista não exaustiva apresentada a seguir: emergência, transições de fase, universalidade, adaptabilidade, auto-referência, auto-organização, imprevisibilidade, padrões de interação com regularidades não-triviais, causas múltiplas com efeitos não-lineares e invariância em escala. (p.9)

Há uma complexidade inerente a todos os sistemas vivos que ultrapassa a complexidade dos sistemas fechados, abertos e dos sistemas cibernéticos (MORIN, 2005). Os sistemas biológicos se autoproduzem e auto-regulam em interdependência com o ecossistema em que estão inseridos. Seu equilíbrio é instável, dinâmico e, diferente dos sistemas cibernéticos, depende em parte da não-confiabilidade e da degeneratividade de seus componentes (obra citada, p.292). Há sistemas físicos e biológicos extremamente complexos. Os sistemas antropossociais, por sua vez, ultrapassam a complexidade dos sistemas biológicos, uma vez que são inscritos em dimensões ontológicas, culturais, históricas, econômicas, políticas, institucionais, tecnológicas etc. Em outras palavras, são produtores de, e produzidos por, múltiplas interações recursivas e não-lineares entre forças relativas a essas dimensões.

Assim, a expressão *intervenção social complexa* é redundante, uma vez que os fenômenos sociais são inerentemente complexos. Contudo, o adjetivo “complexo” se justifica na medida em que enfatiza uma característica que tem sido menosprezada pelo *ethos* científico hegemônico, sobretudo das ciências naturais (MORIN, 2007).

Crítica aos procedimentos meta-analíticos

Pawson et al. (2004) afirmam que é problemático assumir que as meta-análises – essenciais para avaliar a efetividade de tratamentos experimentais na área médica, por exemplo – sejam igualmente úteis para a compreensão de intervenções sociais complexas. O artificialismo dos controles e condições nos estudos experimentais frequentemente limitaria a validade contextual (*ecological validity*) desses estudos

(HAMMERSLEY, 2005) e, conseqüentemente, o poder de generalização dos achados. Em última análise, trata-se de uma escolha do pesquisador que privilegia a validade interna do estudo em relação à externa (ver KRATHWOHL, 1997). Quando aplicadas a estudos envolvendo intervenções sociais complexas, as meta-análises seriam limitadas para embasar decisões e práticas por não proporcionarem uma compreensão aprofundada sobre como os mecanismos subjacentes a essas intervenções se articulam em diferentes contextos, produzindo diferentes resultados. Além disso, a exclusão massiva de estudos, principalmente de natureza qualitativa, comum em revisões sistemáticas e meta-análises, reduziria, ao invés de aumentar, a validade e generalizabilidade das conclusões.

Aprofundando essas críticas, Pawson et al. (2004) assinalam que nas meta-análises, para permitir comparações entre os estudos selecionados, eles sofrem uma série de simplificações e “obscurecimentos sistemáticos” dos mecanismos envolvidos, dentre os quais:

- **a simplificação dos mecanismos de cada intervenção** – os processos inerentes às intervenções realizadas em cada estudo precisam ser tomados como semelhantes. Para isso, é comum desprezar certas variações nas situações experimentais, processos e instrumentos utilizados;
- **a simplificação das populações-alvo e dos contextos de cada intervenção** – da mesma forma, determinadas diferenças dos contextos em que ocorre a intervenção são desprezadas, bem como as diferenças entre sujeitos são apagadas por meio de estratificação das populações, randomização de grupos, entre outros procedimentos;
- **a simplificação dos resultados dos estudos** – por mais complexas as conclusões de cada estudo, em geral, só interessam as conclusões passíveis de serem reduzidas a uma ou a algumas poucas medidas de magnitude e variabilidade dos efeitos analisados.

Segundo Pawson (2006),

São feitas simplificações em todas as fases da meta-análise... Hipóteses são abreviadas, estudos são descartados, detalhes programáticos são removidos, informações contextuais são eliminadas, achados são utilizados seletivamente, médias e estimativas são consideradas. Tudo isso é feito na tentativa remover vieses e reduzir a base de evidências a um corpo integrado de informações de um conjunto fiável de estudos semelhantes, sobre o qual se baseará a decisão sobre a eficácia geral de uma intervenção específica. Entretanto, nesse processo purgativo, justo aqueles elementos capazes de explicar como a intervenção funciona são eliminados nesse cálculo. (p.42)

É importante enfatizar que isso não significa que os procedimentos meta-analíticos sejam equivocados. Quer dizer apenas que, quando aplicados a intervenções sociais complexas, os procedimentos meta-analíticos são limitados para auxiliar na compreensão *densa* dos fenômenos e na tomada de decisão, e que outras formas de sintetizar estudos precisam ser utilizadas para atingir esses fins.

A proposta da revisão realista

Partindo da crítica às meta-análises e procedimentos de síntese de pesquisas que excluem ou menosprezam os estudos qualitativos, e encontrando fundamentação na perspectiva realista da pesquisa social e nas características das intervenções sociais complexas, constitui-se a proposta da revisão (ou síntese) realista. Em vez de comparar e integrar efeitos de intervenções normalizadas e assemelhadas por meio de procedimentos simplificadores, a revisão realista busca a compreensão teórica dos mecanismos subjacentes a intervenções. Ela visa fornecer uma explicação sobre o *como* e os *porquês* de uma intervenção funcionar (ou não) em determinado contexto.

Da mesma forma que nas revisões sistemáticas, as sínteses realistas buscam a auditabilidade no processo de revisão. É necessário que as decisões de cada etapa, os referenciais analíticos, as interpretações e as conclusões sejam explicitadas e justificadas para que outros possam avaliar como as questões colocadas pela revisão foram respondidas. Além disso, diferentemente das revisões sistemáticas tradicionais, não se busca uma análise descritiva e imparcial dos achados das pesquisas, mas uma análise interpretativa e explicativa coerente dos mecanismos envolvidos.

A proposta da revisão realista é identificar princípios, conceitos, modelos, teorias (explícitas ou implícitas, gerais ou locais, formais ou não formais) supostamente responsáveis pelo funcionamento de determinada intervenção. A partir daí, buscar evidências de modo sistemático para testar e refinar a compreensão desses elementos. Em vez de tentar buscar princípios e verdades universais, ou apontar um só procedimento que funciona melhor ou a melhor prática (*best practice*), a síntese realista reconhece o fato de que a mesma intervenção nunca é implementada igualmente, nem tem o mesmo impacto em diferentes contextos. Em outras palavras, entende que o sucesso de uma teoria ou modelo de intervenção complexa depende de interações, negociações e conflitos entre indivíduos, relações interpessoais, instituições e infraestruturas por meio dos quais e para os quais a intervenção é dirigida. Por isso, o principal tipo de questão que busca responder é: *o que funciona, para quem, em quais circunstâncias e aspectos, e como* (PAWSON, 2006).

Considerar as características peculiares das intervenções sociais complexas implica repensar a forma de integração e síntese dos achados das pesquisas. O quadro 1 sintetiza as características das intervenções sociais complexas e suas implicações para a síntese realista.

Aplicações

Dentre as revisões realistas disponíveis na literatura internacional, podemos citar as seguintes: programas de mentoria de jovens (PAWSON, 2004 e 2006); programas e políticas de denúncia comunitária contra violência sexual (PAWSON, 2006); programas de merenda escolar (GREENHALGH et al., 2007); avaliação de políticas de promoção de saúde (HILLS e CARROLL, 2004); as relações entre redes e capital social e as práticas de autoajuda associadas a doenças crônicas (VASSILEV et al., 2011). Apesar de grande quantidade de estudos concentrar-se em políticas públicas de saúde, assim como ocorre com outros métodos de síntese de pesquisa, a abordagem da revisão realista é aplicável a estudos em diversas áreas de ciências sociais aplicadas, tais como a educação, o direito e a administração. Não se limita, tampouco, à síntese de estudos sobre políticas públicas. Pode ser aplicada à síntese de pesquisas sobre práticas comunitárias, profissionais, práticas de gestão, processos de mudança e inovação organizacionais, projetos sociais (privados), entre tantos outros processos de intervenção.

Procedimentos metodológicos: os passos da revisão realista

Os procedimentos da revisão realista têm características semelhantes aos de outras abordagens qualitativas. Em vez de uma sequência linear de passos, como ocorre com a revisão sistemática (ver SAMPAIO e MANCINI, 2007), o trabalho de pesquisa se dá de forma iterativa e cíclica, permitindo avanços parciais em etapas posteriores e retorno a etapas anteriores. Inicia com a definição dos objetivos e questões iniciais, passando pela busca, seleção e avaliação dos estudos e pela extração e síntese dos dados. À medida que o trabalho de revisão avança, ocorre o refinamento das buscas direcionadas a estudos que ajudem a complementar os modelos teóricos esboçados. A revisão prossegue nesse movimento pendular, até culminar na consolidação de um modelo teórico geral e na disseminação dos achados.

QUADRO 1

Características das intervenções sociais complexas e implicações para a síntese realista (baseado em PAWSON et al., 2004; e PAWSON, 2006)

Característica	Detalhamento	Implicações para síntese realista
Intervenções (sociais complexas) são teorias encarnadas	Funcionam segundo concepções, princípios e modelos mais ou menos estruturados, além de crenças e expectativas quanto ao seu funcionamento e sucesso.	É preciso desvelar, selecionar e avaliar as teorias que estão implícitas e explícitas nas intervenções analisadas.
Intervenções são “vivas” (no sentido de que envolvem agentes que tomam decisões e as modificam)	Seu sucesso ou fracasso dependem de motivações, percepções, interpretações e reações dos agentes envolvidos. Programas sempre estão sujeitos a negociações, resistências etc.	No processo de buscar a compreensão dos mecanismos de sucesso ou fracasso da intervenção, é preciso procurar parte das explicações nos fatores humanos (escolhas pessoais, desejos, interpretações, conflitos interpessoais etc.) dos agentes envolvidos.
Intervenções possuem mecanismos de ação encadeados	As intervenções integram vários mecanismos de ação. Seu sucesso depende do sucesso cumulativo desses diversos mecanismos encadeados.	É preciso avaliar a integridade da cadeia de implementação examinando os resultados (<i>outputs</i>) intermediários, os pontos de fluxo e de retenção da cadeia.
As cadeias de intervenção são não lineares	Os processos se influenciam recíproca e retroativamente. Há inúmeras negociações e retroações entre os pontos da cadeia.	Deve-se levar em conta a posição e influência relativa dos diversos tomadores de decisão ao longo da cadeia e como direcionam e redirecionam a implementação do programa.
Intervenções estão imersas em múltiplos sistemas sociais	As intervenções podem afetar e serem afetadas por fatores individuais, interpessoais, institucionais, culturais, econômicos, político- ideológicos, ambientais etc.	Não é possível cobrir todos os ângulos, mas é desejável analisar essas diferenças contextuais e seus impactos.
Intervenções contêm mediadores e agentes não humanos	Diversas tecnologias podem influenciar ou condicionar os modos de ser e agir das pessoas. Agentes não humanos “inteligentes” podem tomar decisões em determinados pontos da cadeia.	É preciso considerar a influência das diferentes tecnologias sobre os mecanismos da intervenção.
Intervenções estão expostas ao aproveitamento por parte de terceiros	As intervenções possuem historicidade. São construídas e adaptadas de ações anteriores e podem ser reaproveitadas total ou parcialmente em ações futuras.	Deve-se considerar que frequentemente as expectativas e reações dos agentes sobre o sucesso da intervenção se baseiem em um histórico de programas anteriores.
Intervenções são sistemas abertos que retroagem sobre si mesmos	Aquilo que se rotula como a mesma intervenção é apenas um programa geral, abstrato. O mesmo programa pode assumir formas diferentes e levar a resultados distintos, dependendo dos contextos em que é implementado.	É preciso identificar os efeitos intencionais e não intencionais da intervenção sobre si mesma, por meio de estudos longitudinais de longo prazo. Deve-se esperar que a intervenção seja dinâmica e adaptável às circunstâncias nas quais é aplicada.

Justamente por se basear em explorações, interpretações e refinamentos sucessivos, nas revisões realistas não faz sentido a publicação antecipada de planejamentos ou protocolos, da maneira como acontece nas revisões sistemáticas tradicionais. Contudo, recomenda-se a manutenção de um diário ou registro das decisões e achados, para servir como instrumento de planejamento, como forma de tornar as decisões metodológicas durante o processo, e tornar os achados auditáveis por terceiros. O pesquisador “vai a campo”, só que em vez de encontrar pessoas, grupos e comunidades, ele encontra publicações, artigos, teses e outros documentos de pesquisa.

A seguir apresentamos breve resumo dos passos da revisão realista, descritos em detalhe por Pawson et al. (2004) e Pawson (2006).

Definição do escopo da revisão

Esta etapa envolve: definir os objetivos ou propósitos da revisão; definir as questões da revisão, detalhando sua natureza e conteúdo, as circunstâncias ou contextos em foco; esboçar um quadro teórico (*framework*) de análise, a ser “recheado” com evidências; definir uma lista de teorias de intervenção relevantes por meio de busca exploratória. Agrupar e categorizar e sintetizar essas teorias, priorizando as teorias-chave a investigar.

Apesar de comumente se começar com a definição dos objetivos e das questões que nortearão a pesquisa, devido à natureza cíclica da revisão realista, essas definições são abertas e sujeitas a revisões posteriores. Novos objetivos e questões podem ser incorporadas durante o trabalho. Os objetivos específicos da revisão realista podem ser, por exemplo: 1) analisar a integridade de uma teoria de intervenção focalizando em elos fortes e fracos da cadeia de processos (a intervenção funciona como previsto?); 2) avaliar teorias de intervenção rivais, comparando-as (quais teorias de intervenção podem-se adequar melhor?); 3) analisar a variabilidade de manifestação da mesma teoria

de intervenção em situações diversificadas (como a intervenção funciona em diferentes arranjos e para diferentes grupos?); 4) comparar expectativas oficiais, teóricas, comparando-as às práticas correntes (como a intervenção idealizada se traduz na prática?).

Junto com as buscas iniciais que visam a familiarização com os estudos, inicia-se o mapeamento inicial de teorias “locais” de intervenção (explícitas ou implícitas) que fundamentam as intervenções. Nem sempre as teorias ou modelos são apresentados de modo completo. Muitas vezes aparecem na forma de conjecturas, expectativas, explicações e racionalizações sobre como a intervenção funciona.

Podem-se formalizar hipóteses e explicações tentativas sobre o processo de intervenção. As diferentes questões e hipóteses implicarão desenhos diversos da revisão. Não há um formato único e fechado a adotar. A partir das questões iniciais vão sendo definidas questões mais específicas que auxiliam o revisor a identificar os porquês, como, quando e onde a intervenção focalizada funciona.

Busca de evidências

Esta etapa envolve efetuar buscas exploratórias para adquirir uma percepção geral da literatura; focalizar as buscas progressivamente a fim de identificar teorias-chave de intervenção, refinando os critérios de inclusão à luz dos dados emergentes; realizar buscas mais sistemáticas das evidências empíricas para testar as hipóteses, à medida que emergem, por meio de amostragens intencionais (*purposive sampling*); buscar estudos adicionais quando a revisão está próxima de ser finalizada, a fim de refinar as teorias de intervenção.

A busca por referências inicia antes mesmo de as questões da revisão serem definidas, e prossegue até as fases em que a síntese já está bem avançada. Inicia-se de forma menos sistemática e progressivamente vai ganhando mais definição, com a especificação das expressões de busca utilizadas, os critérios de

seleção de referências, as fontes e as ferramentas de pesquisa. Diversamente das revisões sistemáticas, que iniciam com um plano bem definido de busca e focalizam um número cada vez mais restrito de referências, as revisões realistas envolvem um processo de busca mais complexo, com vários ciclos de filtragem e afunilamento (*narrow down*), ampliações de escopo, novos afunilamentos e reiteradas buscas para obter “amostras de conveniência” (*purposive sampling*) de estudos, a fim de investigar um e outro aspecto dos mecanismos da intervenção em foco. Ou seja, o universo de referências pesquisado pode sofrer expansões e contrações ao longo do percurso. Distintos nichos de literatura podem ser pesquisados. Essas estratégias são aplicadas recursivamente à medida que a compreensão do fenômeno se amplia, até o revisor identificar um ponto de saturação, em que já não mais acrescentam informações novas à estrutura.

Pawson (2006) alerta para as limitações dessa estratégia em termos da parcela do universo de estudos que o revisor tem condições de abarcar. Dada a complexidade inerente das intervenções e de sua variabilidade, é necessário que o revisor priorize determinados contextos e determinadas fontes de informação, a fim de limitar a quantidade de dados a um volume tratável. Todas essas decisões devem ser registradas e justificadas.

Avaliação da qualidade das evidências

Esta etapa envolve: avaliar a relevância de cada estudo em termos de sua contribuição para o modelo; e avaliar a qualidade das informações que serão aproveitadas de cada estudo.

As revisões sistemáticas e as meta-análises têm em conta uma hierarquia de avaliação da qualidade preestabelecida, privilegiando os estudos quantitativos experimentais e quase-experimentais. Utilizam-se critérios padronizados, aplicados uniformemente a todos os estudos. Se estes não atendem aos critérios, são descartados.

Já na síntese realista não há uma hierarquia preestabelecida. Os estudos experimentais baseados em TRCs não têm um *status* privilegiado. Estudos experimentais, estudos de caso, pesquisas etnográficas, pesquisas participantes e outras, todo tipo de pesquisa pode contribuir com peças de informação relevantes para constituir o mosaico do modelo teórico da revisão realista. Os critérios aplicados não são necessariamente iguais para todos os estudos, uma vez que de cada conjunto serão extraídas informações diferentes. Assim, os critérios são estabelecidos *ad hoc*, conforme sua utilidade para a revisão. A avaliação da qualidade é realizada em diversos momentos da revisão. Inicialmente, importa avaliar a relevância de cada estudo em relação às questões e objetivos da síntese. Em etapas posteriores, podem ser realizadas avaliações parciais: em vez de aferir a qualidade do estudo como um todo, visando seu aproveitamento ou descarte, são avaliadas as informações relevantes a serem extraídas. Além disso, alguns estudos selecionados para análise em profundidade podem ser avaliados de modo mais abrangente.

Isso não significa que todas as estratégias das revisões sistemáticas estejam descartadas. Uma estratégia comum é priorizar os estudos publicados em periódicos revisados por pares ou documentos que já foram submetidos a algum tipo de comissão de avaliação criteriosa (teses, dissertações, relatórios de comissões técnicas ou científicas etc.), a fim de estabelecer um nível mínimo de qualidade. Eventualmente, dependendo da natureza da intervenção e da disponibilidade das informações, pode ser necessário recorrer a documentos que não passem por tais crivos. O uso de critérios de qualidade padronizados ou estabelecidos *a priori* pelo pesquisador também pode ser útil em alguns casos. Outra estratégia possível é considerar os pontos fortes e pontos fracos de cada estudo. Em suma, em vez de se estabelecer um filtro absoluto para separar os estudos aproveitáveis dos descartáveis, aplicam-se filtros diversificados, aferindo qualidades relativas às contribuições parciais de cada estudo

para a revisão. Por fim, é fundamental que todos os critérios utilizados sejam claramente definidos e fiquem transparentes para o leitor da revisão.

Extração dos dados

Esta etapa envolve: desenvolver um conjunto de formulários e dispositivos de extração de dados sob medida, isto é, ajustado a cada tipo de pesquisa; extrair diferentes dados de diferentes estudos a fim de “povoar” ou “recheiar” o esquema teórico de análise com evidências.

Em relação à extração de dados, a revisão sistemática tradicional busca obter o mesmo conjunto de dados de todos os estudos selecionados. Esses dados irão compor um ou mais mapas sistemáticos, permitindo comparações entre os estudos. No caso da meta-análise, a extração precisa ser ainda mais uniforme e pontual, permitindo comparações de ordem quantitativa. A revisão realista, por sua vez, pode se utilizar de formulários de extração de dados, mas estes admitem maior diversidade. Dependendo das questões e hipóteses apresentadas, pode ser necessário criar diversos formulários de extração para alimentar diferentes mapas. Outra distinção para com as revisões sistemáticas tradicionais é que nas revisões realistas a extração de dados não ocorre necessariamente no mesmo momento. Isto é, o revisor pode retornar várias vezes ao mesmo estudo para retirar dele diversos tipos de dados, conforme as questões que vão surgindo ao longo do processo.

Síntese dos achados

Esta etapa envolve: construir um modelo teórico; “povoar” o modelo teórico com evidências parciais extraídas dos estudos, justapondo evidências convergentes, integrando evidências complementares e confrontando evidências contraditórias; sintetizar os dados visando o refinamento da teoria de intervenção: determinar o que funciona para quem, como e sob quais circunstâncias.

A revisão realista procura sintetizar os achados em termos de uma teoria de intervenção refinada e fundamentada no *mosaico de evidências* constituído a partir dos estudos, assumindo que não é possível abarcar toda a complexidade de uma intervenção. Se o objetivo for a análise da integridade de uma teoria de intervenção, a revisão buscará identificar os pontos fracos e as barreiras da cadeia de processos que compõe a intervenção em uma história de sucessivas intervenções semelhantes. Se o objetivo for avaliar teorias de intervenção rivais, a revisão buscará sintetizar as evidências em favor de uma ou de outra teoria e explicitação dos mecanismos, benefícios e deficiências de cada uma. Se o objetivo for analisar como a mesma teoria de intervenção é implementada em diferentes contextos, a revisão buscará identificar os elementos que explicam o seu melhor (ou pior) funcionamento nessa ou naquela situação. Se for comparar expectativas oficiais/ iniciais com as práticas correntes, a revisão buscará identificar os elementos da realidade que não estão sendo desprezados, ou estão em contradição com as expectativas e crenças oficiais.

Os achados da síntese realista não devem ser enunciados de maneira dicotômica e generalizante, afirmando taxativamente se a intervenção funciona ou não. As conclusões devem ser capazes de expressar a dinâmica complexa e da variabilidade da intervenção. Pawson et al. (2004) dão exemplos da forma assumida por esses enunciados: “lembre-se de A”, “esteja atento a B”, “cuide de C”, “D pode resultar em ambos, E ou F”, “Gs e Hs podem interpretar Is de forma bem diferente”, “caso se tente J, tenha certeza de que K, L e M tenham sido considerados”, “os efeitos de N tendem a ser temporários”, “S funciona muito bem com T, mas não tão bem com U”, “pouco se sabe ainda sobre X, Y e Z e seus efeitos”. Os autores enfatizam que é preciso grande cuidado ao transformar a compreensão dos mecanismos da intervenção em recomendações, devendo-se sempre apresentar as limitações dessas conclusões.

Disseminação dos achados

Esta etapa envolve: divulgar os achados em meios acessíveis aos agentes tomadores de decisão; focalizar fatores que precisam ser modificados nas intervenções atuais; e avaliar até que ponto novas intervenções foram influenciadas e ajustadas considerando os achados da síntese.

Uma vez que o objetivo final de uma revisão realista é fornecer subsídios para o *desenho* de novas intervenções, práticas, programas ou políticas, é fundamental que o relatório final seja distribuído entre os agentes tomadores de decisão e/ou, dependendo da natureza do tema, em meios de divulgação científica e profissional (revistas, jornais, *websites* etc.). Adicionalmente, o pesquisador pode prestar orientações e, quando oportuno, trabalhar junto com esses agentes, auxiliando-os na implementação de intervenções, programas e políticas. Atuando desse jeito, o pesquisador contribui para estreitar a distância entre teoria e prática, e intensifica sua atuação como agente de mudança.

DISCUSSÃO: ALGUNS DESAFIOS EM RELAÇÃO À IMPLEMENTAÇÃO DA REVISÃO REALISTA

A operacionalização da revisão realista se defronta com muitos desafios. Hills e Carroll (2004) levantam questões, por exemplo, sobre a grande dificuldade de se teorizar sobre os mecanismos e contexto das intervenções, bem como de avaliar o peso que cada mecanismo tem na interação com outros. Também apontam a dificuldade de atingir os objetivos da síntese realista, quando os estudos não fornecem informações essenciais à revisão.

A criação de listas longas de teorias de intervenção podem sobrecarregar o pesquisador e dificultar, em vez de facilitar, a elaboração de modelos ou quadros teóricos integradores, caso as teorias de intervenção sejam extraídas, descontextualizadas e meramente enumeradas. Uma tentativa de minimizar esse

problema e de facilitar a construção de esquemas teóricos é o uso de técnicas de cartografia cognitiva, que podem ajudar na organização e análise dos conceitos e preservar as relações entre eles, à medida que são identificados (TRACTENBERG, 2013).

Além desses desafios, podemos mencionar questões em relação à definição do escopo da revisão e à busca de evidências. Apesar da sistemática de revisão considerar buscas iniciais para a familiarização do pesquisador com a literatura, parece-nos muito difícil iniciar o processo de revisão sem um conhecimento prévio aprofundado sobre o tema. Assim, essa etapa de familiarização pode demandar grande quantidade de buscas exploratórias em diversas direções e, com isso, levar mais tempo do que o planejado.

Existem, também, dificuldades tanto no que se refere à avaliação da qualidade dos estudos, quanto à extração de achados. A avaliação customizada e *just-in-time* torna o processo bem mais complicado. Questiona-se até que ponto os dados extraídos de estudos com estilos e conteúdos muito diferentes (narrativas, histórias de vida, descrições densas do campo, interpretações do pesquisador etc.) podem ser integrados dentro de uma perspectiva epistemológica coerente, que mantenha a integridade dos estudos originais. Corre-se o risco de trivializar as diferenças entre estudos qualitativos que podem ser filosófica, política, teórica, metodológica ou contextualmente muito diferentes. Trata-se de um problema semelhante àquele que se impõe às metassínteses qualitativas. Segundo Sandelowski (1997), as tentativas de síntese ou somatório de achados de pesquisas qualitativas correm o risco de distorcer e empobrecer os resultados das pesquisas originais. Nas palavras desse autor,

Transformar conhecimento idiográfico em dados de síntese parece representar uma inescrupulosa perda da singularidade dos projetos individuais e um abandono dos propósitos pedagógicos e emancipatórios mais amplos da pesquisa qualitativa. De fato, é precisamente esse conhecimento que

contrabalança o fracasso recorrente das aplicações a casos individuais das generalizações feitas pelos estudos quantitativos. Sintetizar achados qualitativos é destruir a integridade dos projetos... e, em última instância, perder a vitalidade, visceralidade e alteridade das experiências humanas representadas nos estudos originais. (obra citada, p.366)

A despeito dessas dificuldades, esse autor chama atenção para as consequências de não se empreenderem esforços no sentido de sintetizar pesquisas qualitativas: a manutenção do isolamento e da falta de articulação entre os estudos, e entre teorias locais e teorias gerais; a realização desnecessária de estudos repetidos, que pouco agregam em termos de novos conhecimentos; a falta de clareza quanto à riqueza e diversidade dos fenômenos pesquisados; a falta de generalizações e de comparações entre casos; e, como consequência, um impacto limitado sobre práticas e políticas.

CONCLUSÃO

Com o avanço das tecnologias de informação e de comunicação, especificamente das bases de dados *online*, o acesso às publicações ampliou-se enormemente. Esse fato, aliado ao crescimento exponencial do número de publicações verificado em diversas áreas do conhecimento, gera frequentemente uma sobrecarga de informação naqueles que realizam pesquisas bibliográficas. Não raro, o pesquisador se vê diante da árdua tarefa de examinar centenas ou até milhares de estudos, a fim de acompanhar o que foi publicado sobre sua área de interesse. Esse problema é mais crítico em relação às pesquisas qualitativas que, como vimos, costumam ser descartadas por métodos de síntese como a meta-análise e, frequentemente também, pela revisão sistemática. À medida que essas pesquisas se multiplicam, a importância da utilização de métodos de síntese apropriados aumenta. Nesse sentido, a revisão realista constitui uma proposta inovadora e promissora, sobretudo porque, além de debruçar-se sobre a produção qualitativa, é orientada

para a construção teórica e para embasar decisões de natureza prática.

Naturalmente, todos os métodos de síntese de pesquisa apresentam problemas e desafios na sua implementação. Nem por isso devemos descartá-los. Sobretudo com relação a um método relativamente novo, cujas potencialidades precisam ser ainda muito exploradas, não será diferente. Não só é necessário que sejam produzidas revisões realistas em maior variedade de áreas de conhecimento, contextos e fenômenos, como também é desejável que sejam produzidas mais análises e aprimoramentos de natureza teórico-metodológica que venham a contribuir para o desenvolvimento dessa abordagem.

Data de submissão: 27-07-2011

Data de aceite: 19-04-2013

REFERÊNCIAS

COOPER, H. *Synthesizing research: a guide for literature reviews*. 3.ed. London: Sage, 1998.

COOPER, H.M.; HEDGES, L.V.; VALENTINE, J. (Eds.). *Handbook of research synthesis*. 2.ed. New York: Russell Sage Foundation, 2009.

CRAG. Critical Reviews Advisory Group. *Introduction to systematic reviews*. Sheffield, UK: The University of Sheffield, School for Health And Related Research UK, 1996.

GOSLING, R. (Ed.); TAYLOR, S. *Principles of sociology*. London: University of London Press, 2010.

GREENHALGH, T.; KRISTJANSSON, E. ROBINSON, V. Realist review to understand the efficacy of school feeding programmes. *BMJ*, v.335, p.858-86, 2007.

HAMMERSLEY, M. Is the evidence-based practice movement doing more good than harm? Reflections on Iain Chalmers' case for research-based policy making and practice. *Evidence & Policy*, v.1, n.1, p.85-100, 2005.

- HILLS, M.; CARROLL, S. Health promotion evaluation, realist synthesis and participation. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.9, n.3, p.530-543, 2004.
- KRATHWOHL, D. *Methods of educational and social science research*. New York: Longman, 1997.
- LITTEL, J.H.; CORCORAN, J.; PILLAI, V. *Systematic reviews and meta-analysis*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2008.
- LOPES, A.L.M.; FRACOLLI, L.A. Revisão sistemática de literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem. *Texto contexto - enferm.*, v.17, n.4, p.771-778, 2008.
- MATHEUS, M.C.C. Metassíntese qualitativa: desenvolvimento e contribuições para a prática baseada em evidências. *Acta paul. enferm.*, v.22, n.1, p.543-545, 2009.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, E. Restricted complexity, general complexity. In: GERSHENSON, C.; AERTS, D.; EDMONDS, B. (Eds.). *Worldviews, science and us*. London: World Scientific, 2007.
- PAWSON, R. Nothing as practical as a good theory. *Evaluation*, n.9, v.4, p.471-472, 2003.
- PAWSON, R. *Mentoring relationships: an explanatory review*. London: ESRC UK Centre for Evidence Based Policy and Practice, 2004. (Working Paper 21)
- PAWSON, R. *Evidence-based policy: a realist perspective*. London: Sage, 2006.
- PAWSON, R.; GREENHALGH, T. HARVEY, G.; WALSH, K. *Realist synthesis: an introduction*. Manchester, UK: University of Manchester, ESRC Research Methods Programme, 2004 (RMP Methods Paper, 2) Disponível em: < <http://www.ccsr.ac.uk/methods/publications/documents/RMPmethods2.pdf> >.
- PAWSON, R.; GREENHALGH, T. HARVEY, G.; WALSH, K. Realist review – a new method of systematic review designed for complex policy interventions. *Journal of Health Services Research & Policy*, v.10, n.1, p.21–34, 2005.
- SAMPAIO, R.F.; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Rev. bras. fisioter.*, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.
- SANDELOWSKI, M., DOCHERTY, S.; EMDEN, C. Qualitative metasynthesis: Issues and techniques. *Research in Nursing & Health*, v.20, p.365–371, 1997.
- SOUZA, M.T.; SILVA, M.D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, v.8, n.1, p.102-106, 2010.
- TRACTENBERG, L. Using knowledge cartography techniques for conducting a realist synthesis on collaborative teaching. In: EUROPEAN CONFERENCE ON RESEARCH METHODOLOGY FOR BUSINESS AND MANAGEMENT STUDIES, 12th, 2013, Guimarães, Portugal. (Trabalho aceito para apresentação)
- USP. Escola de Artes, Ciências e Humanidade. *Programa de pós-graduação em modelagem de sistemas complexos*. São Paulo: 2008.
- VASSILEV, I et al. Social networks, social capital and chronic illness self-management: a realist review. *Chronic Illness*, n.7, março, p.60-86, 2011.
- YOUNG, K.; ASHBY, D.; BOAZ, A.; GRAYSON, L. Social science and the evidence-based policy movement. *Social Policy and Society*, n.1, p.215-224, 2002.